

## Apresentação

Início a apresentação do terceiro número da **Revista de Educação Popular**, lembrando um dos mais importantes cientistas sociais que este país já teve, o sociólogo e professor universitário, Florestan Fernandes, falecido nove anos atrás, em 10 de agosto de 1995.

Nascido no seio de uma família pobre, Florestan Fernandes foi um brasileiro que, como muitos outros, desde cedo, teve que trabalhar e lutar muito para chegar à universidade. Tornou-se um pesquisador interessado em conhecer as bases históricas e sociológicas dos processos de modernização e constituição do sistema capitalista no Brasil. Interesse motivado, dentre outros aspectos, por uma indignação nascida não somente das privações da vida cotidiana, mas, também, da consciência crítica das injustas e profundas desigualdades que caracterizam o sistema capitalista de sociedade.

Entretanto, para Florestan Fernandes, não bastava adquirir consciência crítica e ficar defendendo a emancipação humana e a superação de toda condição de injustiça e desigualdade social somente no plano das idéias, da pesquisa ou do debate puramente acadêmico. Considerava que todo cidadão comprometido com a transformação da sociedade capitalista, incluindo o professor universitário, deveria se responsabilizar, praticamente, por esta tarefa, assumindo seu papel de participante ativo, militante, nas lutas por essa transformação.

Coerente, Florestan Fernandes entendia a cidadania como o ato de aliar a atividade acadêmica à prática social junto aos movimentos populares para contribuir, tanto com as possibilidades de transformação político-partidária, visto que foi deputado federal por dois mandatos, como com sua ação científica e educativa ao produzir e veicular uma elaboração teórica baseada no combate e na crítica radical à dominação e às relações sociais preconizadas pela burguesia brasileira.

No texto *Revolução, um fantasma que não foi esconjurado* (**Revista Crítica Marxista**, nº. 2, 1995), um de seus últimos trabalhos publicados em vida, Florestan reafirma a necessidade da ampliação da consciência crítica dos movimentos sociais mediante contribuição da intelectualidade universitária, porém, não como se esta fosse uma classe profissional que se encontrasse acima desses movimentos, “pensando por eles”. Destaca, também, a atualidade do pensamento marxista, afirmando que sua importância reside não tanto nas obras escritas por Marx, e, sim, no *apelo deste autor para estudar e reinterpretar constantemente a realidade como totalidade histórica, para descobrir, dentre outros aspectos, a natureza da revolução* (idem, p. 145).

Interpretando que o termo “atualidade” significava para Marx “ir além”, Florestan Fernandes reconhece que uma parte da intelectualidade universitária européia e latino-americana se apossou de textos clássicos marxistas de modo a torná-los precisos, no sentido positivista da palavra, e produziu um “marxismo morto”, uma espécie de teologia idealista que afogou o que havia de criativo e provocativo para a reflexão e a contribuição das gerações posteriores. Ciente desta problemática, Florestan alerta para a necessidade de considerar, como

ponto de partida, o fato de que Marx e Engels sempre se debruçaram, sem dogmas, sobre a história com a finalidade de descobrir as fontes de sua constituição e de suas contradições para vislumbrar os caminhos e as possibilidades da revolução permanente.

A questão é que o pensamento marxista, que inclui a obra de Florestan Fernandes, ressurgiu continuamente e, atualmente, com força renovada depois dos acontecimentos de 11 de setembro de 2001 e do início da guerra do Iraque, ao mesmo tempo em que se coloca novamente em evidência a fragilidade do pensamento neoliberal, cuja idéia principal é a inevitável e irrefutável vitória do sistema capitalista.

A prática neoliberal, além de não questionar a lógica do mercado, dedicou-se a condenar e breçar a intervenção estatal nos processos regulatórios dos mercados; fragilizar as instituições sindicais e públicas; informalizar a força de trabalho e abraçar as atividades de movimentos como defesa do meio ambiente, dos idosos etc., considerados “estritos” por agir totalmente desligados das lutas populares mais amplas. Tudo isso com a promessa de que a ganância e os privilégios das classes dominantes seriam minimizados com pactos sociais instituídos consensualmente com apoio dos Estados Nacionais e dos representantes da classe trabalhadora.

Seguindo essa forma de pensar e agir, os partidos conservadores e social-democratas que implementaram as teses neoliberais nos seus respectivos países, incluindo o Brasil, vêm perdendo o espaço político que conquistaram nos últimos anos, ao mesmo tempo em que se confirma, cada vez mais, a idéia de que a transformação do sistema capitalista somente poderá ser efetuada a partir de um afastamento radical da lógica do seu *insensato e destrutivo mecanismo de controle social orientado pela acumulação de capital* (MÉSZÁROS, István. **Para além do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2002).

E é justamente neste complexo contexto de vida contemporânea que, fundamentados na obra de educadores e pesquisadores progressistas tais como Paulo Freire e Florestan Fernandes, reafirmamos a importância da **Revista de Educação Popular** e do **Programa de Formação Continuada em Educação Popular da Universidade Federal de Uberlândia**.

Instituído no ano de 2001 como espaço de debate e de aprendizagem recíproca entre a comunidade universitária e os educadores das redes públicas de ensino e dos movimentos populares de Uberlândia e Região, o referido Programa tem procurado constituir um ambiente de envolvimento privilegiado entre sujeitos coletivos, em torno de temas como inclusão social, luta de classes, educação e saúde públicas, ecologia, formação inicial e continuada de professores e professoras, direitos humanos, direitos das mulheres e das minorias étnicas e sexuais.

A finalidade desse trabalho tem sido contribuir com a qualificação ampliada da comunidade envolvida nas lutas populares, procurando encontrar, tal como propõe Florestan Fernandes, *os traços de uma civilização capaz de fomentar um mundo histórico que vá além dos tecnólogos e dos seus aproveitadores. Ou seja liberar a imaginação inventiva, a ciência e a tecnologia das cadeias que as prendem à multiplicação da injustiça social* no seio da sociedade capitalista (FERNANDES, Florestan. **Revista Crítica Marxista**, nº. 2, 1995, p. 45).

Assim, convidamos o leitor para uma leitura crítica deste novo número da Revista de Educação Popular, pensando, longe de qualquer pretensão ou visão salvacionista ingênua, que a alternativa político-pedagógica fundada na formação ampliada de sujeitos envolvidos na construção de uma perspectiva socialista de educação continua sendo uma possibilidade de criação e de invenção coletiva; possibilidade necessária para contribuir com as lutas populares comprometidas com a superação da histórica *crise expansionista, destrutiva e, no limite, incontável, do sistema de vida vigente* (MÉSZÁROS, István. **Para além do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2002).

**Prof. Dr. Gabriel Humberto Muñoz Palafox.** Pró-Reitor de Extensão, Culturas e Assuntos Estudantis da Universidade Federal de Uberlândia – PROEX/UFU. Membro da Coordenação Colegiada do Programa Permanente de Formação Continuada em Educação Popular da UFU.